

FICHA TÉCNICA

Título original: *Nothing More*

Autora: *Anna Todd*

Copyright © Anna Todd, 2017

A autora é representada por Wattpad

Edição portuguesa publicada por acordo com Gallery Books, uma divisão de Simon & Schuster, Inc.

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Cristina Carvalho*

Revisão: *Paulina Amaral/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Susana Monteiro Rainho*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, novembro, 2017

Depósito legal n.º 431 970/17

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à
EDITORIAL PRESENÇA
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 BARCARENA
info@presenca.pt
www.presenca.pt

*A todos os que põem sempre os outros em primeiro lugar,
mesmo quando já não os podem ajudar.*

CAPÍTULO UM

A minha vida é bastante simples. Não tenho demasiadas complicações. Sou uma pessoa feliz. É sabido que é assim.

Os três primeiros pensamentos que me passam pela cabeça todos os dias são:

Isto não é tão apinhado quanto pensei que fosse.

Espero que a Tessa esteja de folga hoje, para podermos passar tempo juntos.

Tenho saudades da minha mãe.

Sim, sou um aluno do segundo ano da Universidade de Nova Iorque, mas a minha mãe conta-se entre os meus melhores amigos e amigas.

Tenho tantas saudades de casa. Ajuda ter a Tessa por perto; ela é o mais parecido que tenho com família nesta cidade.

Sei que os estudantes universitários são useiros e vezeiros nisto, em sair de casa e mal poderem esperar por se verem a milhas da sua cidade natal; mas eu não. Dá-se o caso de gostar da minha, mesmo que não tenha sido a cidade onde cresci. Não me desagradou viver no Estado de Washington no último ano do secundário e, depois, no primeiro ano de faculdade; estava a tornar-se a minha «casa». Tinha lá família e fiz uma nova melhor amiga. A única, e a mais importante, coisa que faltava era a Dakota, a minha namorada de longa data. Por isso, quando ela foi aceite numa das melhores academias de *ballet* do país, concordei em me mudar para Nova Iorque com ela. Na altura em que me candidatei à Universidade de Nova Iorque, tinha um plano; sucede que, muito simplesmente, o plano não correu como o tinha imaginado. A ideia era mudar-me para cá e iniciar a minha vida futura com a Dakota. Não fazia ideia de que ela ia decidir querer passar o seu primeiro ano de faculdade descomprometida.

Fiquei destroçado. Ainda estou, mas quero que ela seja feliz, mesmo que não seja comigo.

A cidade é fria em setembro, mas, em comparação com o Estado de Washington, praticamente não chove. Sempre é alguma coisa.

A caminho do trabalho, consulto o telemóvel, coisa que faço cerca de cinquenta vezes por dia. A minha mãe está grávida da minha irmãzinha, e quero ter a certeza de que, se acontecer alguma coisa, poderei meter-me num avião e estar lá para a apoiar, o mais rapidamente possível. A minha mãe e o Ken escolheram o nome Abigail e mal posso esperar por conhecer a pequerrucha. Em boa verdade, nunca privei muito com bebês, mas a pequena Abby já é o meu bebé preferido do mundo. Até este momento, porém, as únicas mensagens que tenho recebido da minha mãe são fotografias das coisas incríveis que ela faz na cozinha.

Não é uma emergência, mas, caramba, tenho tantas saudades da comida da minha mãe.

As ruas que percorro a caminho do emprego estão cheias de pessoas. Estou à espera numa passadeira, rodeado de uma multidão, na sua maioria turistas com máquinas fotográficas pesadas ao pescoço. Rio para comigo, quando um adolescente ergue um *iPad* gigantesco para tirar uma *selfie*.

Nunca hei de compreender este impulso.

Quando o semáforo para peões começa a piscar em contagem decrescente, aumento o volume do som dos meus fones.

Aqui em Nova Iorque, ando praticamente o dia todo de fones. A cidade é muito mais ruidosa do que previ, e percebi que ajuda ter alguma coisa que bloqueie parte desse ruído e que, pelo menos, colore os sons que me chegam aos ouvidos com algo de que eu goste.

Hoje, é Hozier.

Chego mesmo a usar os fones enquanto trabalho (pelo menos num dos ouvidos, de modo que consiga ouvir os pedidos de café que me são gritados). Hoje, distraio-me por momentos com dois homens, ambos vestidos de pirata e aos berros um com o outro, e, ao entrar no café, choco com o Aiden, o colega de trabalho que menos estimo.

É alto, muito mais alto do que eu, e o cabelo louro-branco fá-lo parecer Draco Malfoy, pelo que sinto uma espécie de calafrio na presença dele. Além da semelhança com Draco, dá-se ainda o caso de ser um bocado grosseiro de vez em quando. Pessoalmente, não tenho razões de queixa

quanto ao modo como me trata, mas não me escapam os olhares que lança às universitárias que vêm ao Grind. Comporta-se como se o nome do café aludisse ao ambiente de uma discoteca, em vez de à moagem de grãos de café.

A maneira como lhes sorri, namoriscando e fazendo com que elas se remexam nas cadeiras ante o seu olhar «charmoso»... acho tudo aquilo deveras desconcertante. Na verdade, o Aiden não é assim tão bem-parecido; se fosse mais simpático, talvez conseguisse perceber a coisa.

— Olha aí, meu — diz o Aiden entredentes, batendo-me no ombro como se estivéssemos a atravessar um campo de futebol juntos, envergando camisolas da mesma equipa.

Está a exceder o limite de tempo que leva a aborrecer-me, hoje...

Mas, não dando importância ao assunto, avanço para as traseiras do café, ato o avental amarelo à cintura e consulto o telemóvel. Depois de picar o ponto, deparo com a Posey, uma rapariga a quem devo dar formação durante duas semanas. É simpática. Discreta, mas boa trabalhadora, e acho engraçado que aceite sempre o biscoito gratuito que lhe oferecemos em cada dia de formação, em jeito de incentivo para que se sinta um pouco mais alegre durante o turno. A maioria dos neófitos declinam-no, mas ela tem comido um todos os dias desta semana, testando a gama completa de sabores disponíveis: chocolate, chocolate com noz-macadâmia, açúcar e um misterioso sabor esverdeado, que julgo ser uma substância qualquer sem glúten, orgânica e de produção local.

— Viva — digo eu, dirigindo um sorriso para onde ela se encontra, encostada à máquina de gelo. Tem o cabelo avermelhado ajustado atrás das orelhas e está a ler o verso de uma das saquetas de café moído. Quando levanta a cabeça para olhar para mim, sorri um cumprimento breve e volta a apontar o olhar para a saqueta.

— Continua a não me fazer sentido que eles cobrem quinze dólares por um pacotinho de café tão pequeno — diz ela, atirando-me a saqueta.

Mal consigo apanhar a saqueta no ar e, nisto, quase me escorrega das mãos, mas consigo agarrá-la com firmeza.

— *Nós*. — Corrijo-a com uma gargalhada e volto a pôr a saqueta na mesa de onde foi retirada. — Que *nós* cobremos esse dinheiro.

— Não trabalho aqui há tempo suficiente para já estar incluída no «nós» — provoca ela e, puxando de um elástico do pulso, eleva o

cabelo castanho-avermelhado e encaracolado atrás da cabeça. É bastante cabelo; ela prende-o elegantemente, e depois acena a cabeça sinalizando que está pronta para começar a trabalhar.

A Posey segue-me até à sala e põe-se ao lado da caixa registadora. Esta semana, está a aprender a registar os pedidos dos clientes, e é provável que a seguir passe à aprendizagem da preparação de bebidas. A tarefa de que mais gosto é a de receber os pedidos dos clientes, porque prefiro falar com pessoas do que queimar os dedos na máquina de tirar cafés, coisa que me acontece turno sim, turno sim.

Estou a acabar de organizar as coisas no meu posto de trabalho, quando soa a campainha da porta. Ergo o olhar para a Posey, para me certificar de que ela está a postos e, dito e feito, vejo-a já em sentido, preparadíssima para dar as boas-vindas aos viciados em caféina matutinos. Duas raparigas aproximam-se do balcão, conversando em voz alta. Uma das vozes capta a minha atenção, e olho na direção delas, dando de caras com a Dakota. Está vestida com um sutiã desportivo, calções largos e sapatilhas garridas. Deve ter acabado de correr; se estivesse a caminho de uma aula de dança, a indumentária seria ligeiramente diferente. Estaria de *body* e com uns calções mais justos. E estaria tão bem quanto agora. Está sempre.

A Dakota não aparece cá há umas semanas, e espanta-me vê-la aqui agora. Fico nervoso; tenho as mãos a tremer e dou por mim a dar piparotes no ecrã do computador sem que haja razão absolutamente nenhuma para o fazer. A amiga dela, a Maggy, é a primeira a ver-me. Dá um toque no ombro da Dakota, e a minha ex volta-se para mim, com um sorriso enorme na cara. Tem o corpo coberto de uma fina película de transpiração, e os caracóis escuros espetam-se, desalinhados, num coque no cimo da cabeça.

— Tinha esperança de que estivesse a trabalhar. — Acena-me e depois acena à Posey.

Tinha? Não sei o que pensar disto. Sei que concordámos em ser amigos, mas não consigo perceber se isto é apenas conversa amigável ou se é algo mais.

A Maggy também me dirige um aceno com a mão.

— Viva, Landon.

Sorriso às duas e pergunto-lhes o que desejam beber.

— Café gelado, dose dupla de leite — responde o duo prontamente.

Estão vestidas quase de igual, mas a Maggy fica facilmente em segundo plano diante da cintilante pele caramelo e os olhos castanhos brilhantes da Dakota.

Entro em modo automático, agarro em dois copos plásticos, enfio-os no balde do gelo com um suave movimento de pá, pego depois no jarro de café pré-feito e verto o conteúdo para os copos. A Dakota observa-me. Sinto o olhar dela pousado em mim, fazendo-me sentir deveras desconcertado. Assim, quando reparo que a Posey também me está a observar, dou-me conta de que podia (devia, provavelmente) explicar-lhe o que raio estou a fazer.

— Só tens de verter este café por cima do gelo; o turno da noite prepara-o na véspera, para que possa arrefecer, a fim de não derreter o gelo — digo eu.

Não podia ser mais elementar o que lhe estou a explicar, e quase me sinto palerma por o estar a dizer à frente da Dakota. Não estamos de más relações nem nada que se pareça; sucede apenas que não passamos tempo juntos e não conversamos um com o outro como costumávamos fazer. Compreendi perfeitamente, quando ela pôs fim ao nosso namoro de três anos. Ela estava em Nova Iorque, com novas amigas e num novo ambiente. Não quis prendê-la, pelo que cumpri a promessa que fiz e continuámos amigos. Conheço-a há anos e nunca deixarei de sentir carinho por ela. Foi a minha segunda namorada, mas a minha primeira e única relação séria até à data.

— Dakota? — A voz do Aiden sobrepõe-se à minha, quando começo a perguntar-lhes se querem que acrescente *chantilly*, algo que faço ao meu café.

Confuso, observo o Aiden inclinar-se por cima do balcão e pegar na mão da Dakota. O Aiden eleva as mãos deles juntas no ar e, com um grande sorriso, a Dakota faz uma pirueta diante dele.

Nisto, olhando de relance para mim, a Dakota afasta-se uns centímetros do balcão e diz-lhe, em tom mais neutro:

— Não sabia que trabalhavas aqui.

Olho para a Posey para me distrair de escutar a conversa deles, e depois finjo que estou a consultar o horário na parede atrás dela.

Em bom rigor, não me diz minimamente respeito com quem é que a Dakota mantém amizade.

— Pensei que to tinha mencionado ontem à noite... não? — diz o Aiden, e eu tusso para distrair toda a gente do guinchinho que me escapa da boca.

Felizmente, ninguém parece dar por nada, a não ser a Posey, que faz o seu melhor para ocultar um sorriso.

Embora consiga presentir o desconforto da Dakota, não olho para ela; em resposta ao Aiden, a Dakota emite a risada com que brindou a minha avó ao desembulhar a prenda de Natal dela no ano passado. Aquele som tão giro... A Dakota fez a felicidade da minha avó, quando se riu do peixe-cantor foleiro afixado a uma prancha de madeira falsa. Ao rir-se agora uma segunda vez, fico a saber que está *mesmo* desconfortável. Desejando tornar esta situação menos confrangedora, entrego-lhe os dois cafés com um sorriso e digo-lhe que a espero ver brevemente.

Antes que a Dakota possa responder, sorrio-lhe mais uma vez e encaminho-me para a salinha das traseiras, aumentando o som nos fones.

Durante alguns minutos, fico à espera de que a campainha volte a tinir, sinalizando a saída da Dakota e da Maggy, até me aperceber de que o mais certo é não a ouvir sob a partida de hóquei de ontem que está a soar no meu ouvido. Mesmo só com um auricular, a algazarra da assistência e as pancadas dos *sticks* sobrepor-se-iam sempre a uma velha campainha de latão. Regresso à sala e encontro a Posey a revirar os olhos ao Aiden, enquanto este exhibe perante ela a sua mestria a ferver o leite. A maneira como uma nuvem de vapor flutua à frente do cabelo louro-branco empresta-lhe, quanto a mim, um ar ainda mais sinistro.

— Disse-me que andam na mesma escola, naquela academia de dança em que ele está a estudar — sussurra-me a Posey quando me aproximo.

Estaco e olho para o Aiden, que está a leste, perdido no seu mundo aparentemente glorioso.

— Perguntaste-lhe? — interrogo-lhe eu, impressionado e um tudonada apreensivo quanto às respostas que daria a outras perguntas que envolvam a Dakota.

A Posey acena que sim, agarrando num copo de metal para o enxaguar. Sigo-a até ao lava-louça, e ela abre a torneira da mangueira.

— Reparei na maneira como reagiste, quando ele lhe pegou na mão, por isso, resolvi perguntar-lhe o que é que havia entre eles.

Encolhe os ombros, e a grande massa de cabelo encaracolado balouça ligeiramente. As sardas são mais claras do que as da maioria das ruivas com quem me tenho cruzado, e espalham-se pelas maçãs do rosto e pela cana do nariz. Tem lábios carnudos e ligeiramente protuberantes. E é quase da minha altura. Foram coisas em que reparei no terceiro dia de formação dela, quando calculo que o meu interesse se tenha avivado por instantes.

— Namorei-a uns tempos — confesso à minha nova amiga, passando-lhe uma toalha para secar o copo.

— Oh, não me parece que eles andem um com o outro. Seria insano da parte dela namorar um Slytherin. — Quando a Posey sorri, as minhas faces ruborescem e rio com ela.

— Também reparaste? — pergunto.

Estendendo o braço entre nós, alcanço um biscoito de pistácio e menta e ofereço-lho.

Ela sorri, retirando o biscoito da minha mão e comendo metade antes de eu ter tempo de voltar a pôr a tampa na lata.